



Bluménau

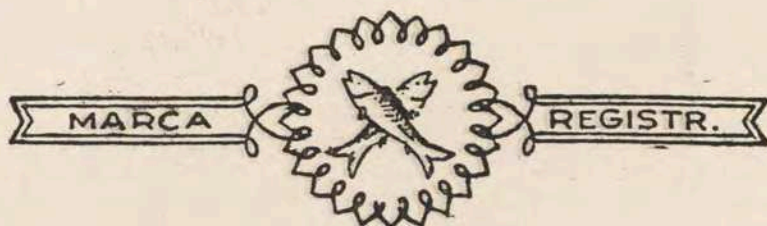
em Cadernos

Tom o VIII

Nº. 11

INDÚSTRIA TÊXTIL
Companhia Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA - BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1798 - CAIXA POSTAL N.º. 2
TELEGR.: «TRICOT»



Fábrica de:
ARTEFATOS DE MALHAS

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A
GRANDEZA DO BRASIL
EM SEU COMÉRCIO
E INDÚSTRIA

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VIII ★ — AGOSTO 1967 — ★ N.º 11

O ITAJAÍ-GRANDE EM 1842

Carlos FICKER

Diário da viagem de reconhecimento do rio Itajaí-Açu
por Van Lede

No seu excelente trabalho «Itajaí, a fundação e o fundador», o Sr. José Ferreira da Silva prova, com absoluta precisão, que Antônio de Menezes Vasconcelos de Drumond não foi o fundador de Itajaí. Não resta dúvida que a partir da estada de Drumond nas margens do Itajaí-Mirim em 1820, começou a colonização do Vale do Itajaí, apesar que as suas atividades de colonizador se limitavam a . . . «não fazer mais do que uma derrubada, sem deixar lugar algum de colônia» como escreve Almeida Coelho na sua «Memoria Histórica da Provincia de Santa Catharina», da época.

Quando, em 1823, Agostinho Alves Ramos estabeleceu-se à margem sul do rio Itajaí-Grande, mais de quarenta posseiros residiam pelas margens do Itajaí, de um e outro lado, entretanto eram moradores esparsos que por ali se estabeleceram sem intuito preconcebido de fundar qualquer povoação. Alves Ramos não. Veio com o plano de fundar um centro comercial (espiritual também, pois trouxe consigo um padre) que congregasse os moradores esparsos da região. Não houve colonização organizada antes da vinda de Agostinho Alves Ramos.

Em 1842, Alves Ramos foi visitado por Charles van Lede e na sua obra, publicada no ano seguinte em Bruxelas, o engenheiro belga faz referências elogiosas ao cavalheiresco morador do Itajaí. Para as sondagens e o reconhecimento do rio Itajaí-Açu, o «Coronel» pôs a disposição de van Lede e do «Inspetor Almeida» que serviu de guia (tratava-se do inspetor provincial José Gomes Almeida) um iate e alguns remadores. Assim, a 31 de março de 1842, iniciou-se a viagem rio acima, que, com dados e observações minuciosos fôra anotada por Van Lede no seu diário: «Reconnaissance de l'Itajahy-Grande».

Segue em tradução do original francês, a parte relativa à exploração do Itajaí-Açu, em 1842:

Partida de Itajaí, em 31 de março de 1842, às 2 horas e 45 minutos di-

reção N. O.; profundidade do rio: 12 metros; velocidade das águas 9.255 metros por hora; altura dos barrancos marginais — esquerdo: 1 metro; direito: 1 metro; observações: Os dois rios (Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim) são baixos, mais ou menos um metro abaixo da maré mais alta. Tôda redondeza coberta de matas.

- Às 3 horas: a água continua salobre. Nada de terras cultivadas.
" 3.10 : Ao N. N. E. vê-se o morro d'Itapocoroia.
" 3.28 : água potável. Ao N. O. 1/4 O. o morro «Bahul» (?)
" 3.45 : chegamos ao «Sacco Grande».
" 3.46 : parada para procurar mais remadores. Partida às 4.03.
" 4.03 : algumas casas na margem esquerda.
" 4.21 : confluência do Itajaí-Mirim. Sua direção: S. O. - largura mais ou menos 80 metros. Margens não habitadas.
" 4.45 : Nas margens. floresta virgem. Terreno plano e uniforme.
" 4.50 : Nada de habitações.
" 4.56 : «Saco do Machado». Muita profundidade do rio. Uma tarde lindíssima. Que terra maravilhosa!
" 5.05 : a 4 metros da margem esquerda profundidade do rio: 5 metros.
" 5.06 : parada para descanso. Partida às 5.23 horas.
" 5.23 : a vegetação cada vez mais bela. O solo é de areia e quartzo.
" 5.42 : Ao N. O. aparece uma serra, que, provavelmente, separa o Vale de Itajaí do Camboriú-Mirim. Distante 500 metros da margem esquerda, coberta de densa vegetação, Aspeto lindo.
" 6.11 : O morro «Bahul» à Oeste, distante 10 ou 12 milhas.
" 6.22 : A Oeste o morro «Pedra de amolar de baixo». Ao S. S. O. o morro dos Pinheiros. Começa escurecer.
" 6.45 : Parada para pernoitar num acampamento (bivac).

Segundo dia de viagem, 1º de abril de 1842:

- Às 6 horas e 13 minutos partida em direção E. N. E.
" 6.37 : A paisagem continua plana e coberta de matas virgens. Pouquíssimas habitações e praticamente sem plantações.
" 6.51 : A Oeste o morro «Pedra de Amolar». Em direção N. O. algumas colinas separam o Luiz Alves do Itapecu.
" 7.07 : Maré alta. Ouve-se o mar bater contra os rochedos de Itapocoroia.
" 7.25 : Ao longo da margem esquerda, colinas que separam o Itajaí do Cambriu. Tudo coberto pela densa vegetação.
" 7.45 : Vê-se a morro d'Ilhota.
" 8.20 : Parada. Terreno arenoso e coberto de matas virgens.
" 9.40 : Uma casa na margem direita. Desemboca neste local o Ribeirão dos Pinheiros.
" 9.47 : O morro do Possinho. Correnteza: 4'600 metros por hora.
" 10'15 : O morro «Bahul» ao N. O. 1/4 O. Vegetação sempre «excessivamente vigorosa».
" 10.50 : Chegada ao confluyente Luiz-Alves. Direção N. O. 1/4 N. Este rio é navegável até o primeiro salto, em três dias de viagem.
" 10.49 : Ouve-se o latir de cachorros caçando nas florestas.
" 10.56 : Um vento leve em direção N E. e continuamos a viagem com as velas desfraldadas.
" 12,32 : Uma pequena ilha no rio: Ilhota.

- Às 12.37 : Possinho e algumas pequenas colinas.
 " 1.12 : Na margem direita a habitação de Henrique Flores. 12.000 pés de café, arroz, cana de açúcar. A propriedade de Flores acompanha duas léguas e meia o percurso do rio com a profundidade de uma légua.
 Às 1.22 : Sempre velejando.
 " 1.30 : Pedras e rochedos de granito no meio do rio.
 " 1.45 : Na nossa frente o morro do «Estaleiro de Naos». Na margem direita o Ribeirão das Canas.
 " 2.06 : Vegetação densa e admirável. Posso Grande. Algumas raras derrubadas. Tôda a margem direita pertence a Flores. Sempre as mesmas matas fechadas e virgens.
 " 3.02 : Na margem esquerda o Ribeirão do «Estaleiro dos Naos» Muitos paus de Tajuva usados para tingir — uma bela côr amarela. Madeira corante «Locuzela».
 " 3.45 : Formação carbonífera e areia xistosa. O rio aperta-se entre as margens. Pedras e rochedos no leito.
 " 4.07 : A ilha Gaspar Superfície 30x7 metros Pedras no rio.
 " 4.16 : Passagem sòmente na margem esquerda. Xisto arenoso inclinado em direção S. E.
 " 4.40 : Colônia Alemã.
 " 4.50 : Um pequeno riacho pela margem esquerda.
 " 5.15 : Chegada ao sítio do colono alemão Nicolai (ferme allemande).

Terceiro dia de viagem — 2 de abril de 1842.

- Às 7 horas e 48 minutos partida em direção N. N. O.
 " 8.05 : Plantações de arroz, milho, cana de açúcar e mandioca. O colono alemão Nicolai possui uma bela pedra de amolar (ferramentas) proveniente do lugar chamado «Pedra de amolar de Cima».
 " 8.19 : Ponta «Pedra de amolar de Cima». Sempre a mesma floresta.
 " 8.43 : Ribeirão do Belchior, navegável apenas algumas léguas.
 " 8.48 : Muitos paus de Cedro. Na margem esquerda uma casa e um chão cultivado.
 " 9.05 : Uma estratificação arenosa e carbonífera, inclinada em direção S. E.
 " 9.11 : Ilha Belchior, 200 metros de largura e 800 metros de comprimento. Tomamos o braço direito, largura do mesmo 60 metros. Últimos elementos da Guarda Nacional. Correnteza 7.000 metros por hora.
 " 9.21 : Na casa do Inspetor Almeida. Parada.
 " 2.40 : Continuamos com 13 pessoas na embarcação. Correnteza 4.600
 " 2.55 : Na margem direita pedras e rochedos de granito.
 " 3.10 : Vista maravilhosa sôbre colinas em forma de anfiteatro e cobertas com a mais bela vegetação.
 " 3.25 : Um riacho do lado direito.
 " 3.26 : Uma habitação na margem esquerda. O terreno é menos acidentado.
 " 3.40 : Duas cabanas abandonadas na margem direita do rio por causa dos bugres. Um grande riacho na margem esquerda.
 " 4.14 : Mais um riacho na margem esquerda; uma plantação de arroz.

- As 4.30 : Praia Comprida; sempre a mesma riqueza da vegetação.
 " 4.40 : Habitação abandonada de Jacinto Miranda. À margem direita : colinas.
 " 4.51 : Um grande riacho da margem direita. A mesma formação arenosa de Xisto.
 " 4.58 : Um grande riacho da margem esquerda. O barranco eleva-se a 30 metros de altura com ângulo de 30 a 40°.
 " 5.08 : Um grande riacho margem esquerda.
 " 5.12 : Um grande riacho do mesmo lado.
 " 5.18 : Um terceiro riacho do mesmo lado. Floresta fechada.
 " 5.25 : Ponta da Praia. Aparece novamente a estratificação da formação do solo com as mesmas características.
 " 5.19 : Acampamento na Praia Grande.

Quarto dia da viagem — 3 de abril de 1842

- Às seis horas e cinco minutos. partida em direção Oeste. Largura do rio 150 metros.
 " 6.05 : Na margem direita o Rio Garcia. O aspecto da paisagem é sempre lindo.
 " 6.07 : nos barrancos ha marcações que indicam que as águas sobem até 8 metros acima do nível normal do rio. Na margem direita aparece no barranco uma formação de pedra Lioz em blocos grandes.
 " 6.18 : O terreno é plano e somente a uma distância de mil metros algumas colina de mais ou menos 80 metros de altura.
 " 6.32 : Na margem direita um riacho navegável — a Velha.
 " 6.32 : Da margem esquerda um riacho.
 " 6.48 : A 2000 metros a N. E. 1/4 N. uma elevação de 300 metros, o morro da Fortaleza.
 " 7.25 : Ilha da Fortaleza. Na margem esquerda alguma formação conglomerada. Blocos enormes de pedra formam um pôrto natural para atracar embarcações até 8 metros de çalado. Correnteza 6000 metros. Sempre a mesma vegetação.
 " 7.39 : Na margem esquerda o grande riacho «Fortaleza».
 " 7.45 : Rochedos no rio á 6 metros da margem direita.
 " 9.23 : Tôda a margem direita do rio, até o Salto, é terra requerida pelo Tenent-Coronel Agostinho Alves Ramos e totalmente inhabitada.
 " 9.58 : Aparece a altura do Ribeirão da Topava, na direção N. O.
 " 10.05 : Um rochedo de 10 metros de altura no meio do leito do rio.
 " 10.10 : Última parada, a dois Km. do Salto do Itajaí-Grande.

Termina aqui o diário minucioso do engenheiro Charles Van Lede. Chegados a dois quilômetros da grande queda do Itajaí-Grande, Van Lede achou as águas em estiagem, a correnteza muito forte, a equipagem fatigada e a cada momento algum banco ou rochedo contra o qual se iam chocar. Resolveram, pois, fazer o resto do caminho a pé e atracaram na margem direita em um lugar onde outrora alguns moradores tinham construído uma choupana em que se refugiavam de noite. Conduzidos pelo guia, o inspetor Almeida, a caravana caminhou através da floresta para o salto, com a bússola na mão.

A muito custo, depois de vencidos mil obstáculos, chegaram novamente à margem do rio e, pela surpresa geral, somente tinham vencido dois quilômetros através o terreno muito acidentado. Haviam partido às dez horas e em 3 horas e meia somente haviam percorrido a quinta parte do trajeto. Não havia mais tempo para chegar ao salto e, cansados, voltaram em busca da embarcação. Às quatro e meia a expedição já desceu o rio, levada pela correnteza. Às seis horas pararam na casa do Inspetor José Gomes Almeida, na ilha Belchior, pernoitando na margem do rio. No dia seguinte continuaram a sua rota, chegando às nove horas no sítio do colono alemão Nicolai, onde almoçaram. A uma hora já se encontravam na confluência do Rio Luiz Alves, onde foram visitar Dom Luiz Alves, que deu seu nome ao rio e, segunda-feira, 4 de abril, já estavam de volta à freguesia de Itajaí.

No dia seguinte teve lugar a exploração do Rio Itajaí-Mirim, traduzida e reproduzida do original francês pelo Des. Henrique Fontes e Sr. Carlos da Costa Pereira e publicado em «Blumenau em Cadernos», Vol. 2 p. 41, como também no presente trabalho de J. Ferreira da Silva, «Itajaí, a fundação e o fundador».



Ora, se havia colonos expertos nos começos da colonização de Santa Catarina! Em junho de 1864 houve sessão do Júri da Comarca de São Francisco. Entre os jurados sorteados havia um colono de Joinville, que sabia apenas escrever o nome. Não sabia ler nada. E aconteceu que, justamente a êle o juiz entregou a fórmula do juramento para que êle a lêsse em voz alta para que os outros a repetissem. O colono, sem perder a linha, começou a mexer nos bolsos e, por fim, pediu desculpas ao juiz de não poder ler porque havia esquecido os óculos em casa, e passou a fórmula de juramento ao vizinho, que a leu. No fim do julgamento, quando os jurados tiveram que assinar o termo do julgamento, chegou a vez do nosso herói de lançar no papel a sua assinatura. Êle, calmamente, mete a mão no bolso, tira os óculos e assina o nome. O juiz extranhou o fato. E à pergunta do magistrado êle explicou com a maior calma dêste mundo: «E' . . . êstes são os óculos de assinar . . . os de ler ficaram realmente em casa, sim senhor . . .»

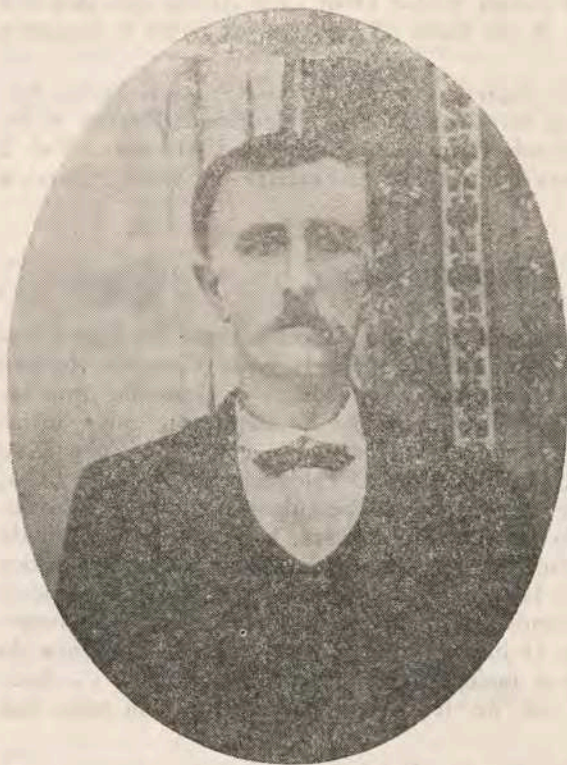


O impossível também acontecia nos tempos da Colônia. Conta o «Colonie-Zeitung», de 2 de Julho de 1864, que um colono foi à casa de um outro pagar-lhe um débito. E fez o pagamento em várias notas de 2 mil réis que o credor deixou sobre a mesa, enquanto os colonos ficavam conversando e tomando uma pinga. Entretanto, veio um pé-de-vento pela janela aberta e atirou com as notas para dentro de uma panela de sopa que estava fervendo sobre o fogão, que ficava próximo. A dona da casa, com risco de ficar com os dedos queimados, foi tirando as cédulas da panela e jogando-as ao chão. O cão da casa, alertado pelo cheiro da sopa, entrou na cosinha e, nem pôde abocanhá-las, engoliu-as, pois estavam encharcadinhas de gordura gostosa. O dono da casa, danado com o prejuízo, acabou fazendo côro com os demais que riam a valer . . .

Primeiro morador de Rio do Sul

O primeiro morador que se estabeleceu em Rio do Sul, na atual sede, vindo de Apiuna, foi Karl Schröder, que assumiu o cargo de balseiro em 1890, no lugar onde hoje se encontra a ponte de cimento armado «Curt Hering»

Karl Schröder morou em modesto rancho no barranco da margem direita do Rio Itajaí do Sul em companhia de seu filho Heinrich. Deixara



sua família em Aquidabã à espera de melhores condições de habitabilidade. Sua intenção de primeiro melhorar a morada, a criação e a produção lavoureira, nunca se concretizou. Ao redor de sua cabana rondavam os perigos da misteriosa mata virgem, e certo dia, fazia uma hora que atravessara alguns tropeiros de leste para oeste, foi atacado por bugres. Uma flexa passou entre seu braço e o corpo e outra furou a calça do rapaz Heinrich, que contava 9 a 10 anos de idade. Para salvar suas vidas os dois pioneiros atravessaram o rio de canôa e se puzeram a correr atrás dos tropeiros, que alcançaram no pouso da Pastagem (atual município de Agrônômica). Quando Karl e Heinrich voltaram ao seu rancho, no dia seguinte, encontraram só cinzas e se vi-

ram despojados de todos seus objetos caseiros, das ferramentas agrícolas, de uma espingarda, de três porcos, dos três cachorros de caça e das galinhas. Em consequência Karl juntou-se novamente à sua família, abandonou as lavouras de milho e batata-dôce e a travessia do rio ficou sem balseiro.

Karl Schröder, natural da Alemanha, era casado com Katharina, nata Wirth, veio a falecer em Ibirama e foi pai de 14 filhos, dos quais ainda vivem os seguintes: Rudolf e Arnold em Ibirama, Erwin em Trombudo, Alwin em Rio do Sul e Alma em Curitiba. Karl Schröder, irmão de Heinrich Schröder que foi fundador de Lontras, nasceu em 1856, imigrou em 1863 e faleceu em 1914.

(Subsídios para a História de Rio do Sul, do Dr. Rolf Odebrecht — no prelo)

TREZE TÍLIAS I. N. HARTMANN

O Território que, sob a denominação de Treze Tílias, ora é uma das prósperas comunas do meio-oeste catarinense, constituía parte integrante do antigo Município de Cruzeiro com o nome de Distrito de São Bento e que tinha sua sede no povoado conhecido por Papuã.

Com a criação do Município de Caçador, fato ocorrido em março de 1934, o território situado à margem esquerda do Rio São Bento passou à jurisdição do novo município, sendo para lá transferida a sede do Distrito, que tomou o nome de São Luiz, hoje Iomerê.

A parte remanescente, à margem direita do São Bento, passou a integrar o novo Distrito de Ibicaré, do qual foi desmembrado, por sua vez, para constituir novo Distrito com o nome oficial de *Treze Tílias*, que foi solenemente instalado no dia 15 de janeiro de 1956. Atendendo a anseios generalizados, foi criado o Município, que foi instalado à 12 de maio de 1963, sendo nomeado Prefeito Provisório o sr. Ivo Hartmann. Em 25 de novembro do mesmo ano foi empossado o novo prefeito eleito, sr. João Berlarmino Grando, bem assim a Câmara de Vereadores, que conta com sete membros.

É considerado como data de fundação o dia 13 de outubro de 1933, quando aqui aportaram os primeiros imigrantes austríacos, iniciando a colonização regular e metódica dum vasto território ainda pouco cultivado. Esta imigração, que se deve à iniciativa de um grande idealista — o saudoso ex-ministro da Agricultura da República Austríaca, Andreas Thaler, assinala um marco fundamental no desenvolvimento de uma imensa região, da qual a hoje Cidade de Treze Tílias veio constituir-se centro econômico e administrativo.

O desenvolvimento inicial da nova Colônia foi lento, tantos os óbices a vencer, que foram agravados com o falecimento de seu fundador, que pereceu tragicamente numa enchente, ao tentar salvar uma ponte, e a conflagração mundial, à qual o Brasil também foi arrastado e que teve como consequência a Colônia passar à Administração do Governo Federal.

Somente no ano de 1952, quando foi organizado o Núcleo Colonial Papuã, confiado à direção do dr. José Nicolau Born e, posteriormente, a cargo do sr. Felix von Schwerdtner, é que a Colônia experimentou um vertiginoso surto o progressista, que ainda perdura.

A Cidade de Treze Tílias, às margens dos arroios Papuã e Papuãzinho, conta com cerca de 150 prédios, a maioria de alvenaria, e conta com uma população de 1.500 habitantes, enquanto que a do Município todo atinge a 12.000 almas. A Comunidade Católica, dirigida pela figura impar do bondoso sacerdote Monsenhor João Reitmeir, possui belo templo, enquanto a Comunidade Evangélica Luterana tem uma Capela que é atendida regularmente por Pastor da vizinha cidade de Joaçaba.

O setor escolar é representado pela Escola «São Vicente de Paulo», que tem imponente prédio próprio e que abriga ainda o Grupo Escolar «São José», Ginásio Normal «Mauro Ramos» e Escola Profissional Feminina «Dona Adelaide Konder», bem como por 6 escolas estaduais e 3 municipais.

Na parte social-cultural deve-se mencionar, em primeiro lugar, o

«Clube Musical», com séde própria, ao qual acha se filiada a «Banda de Música Tirolez», conhecida além das fronteiras do Nosso Estado e um renomado «Grupo de Cantôres». Ao mesmo clube ainda encontra-se filiada a Biblioteca Pública «Tobias Barreto» registrada no Instituto Nacional do Livro e possuindo um acervo que, presentemente, monta aproximadamente a 2.500 volumes de obras em português e alemão, Pelo «Estréla Esporte Clube», com campo próprio, é praticado futebol, como também o interior do município conta com diversos clubes esportivos e recreativos.

Digno de destaque é o afamado Hospital «Treze Tílias», de propriedade do eficiente médico operador dr. Alberto Wunderlich, com farmácia em anexo. Reais serviços, principalmente às classes menos favorecidas, vem prestando o Ambulatório São Vicente de Paulo

A indústria é representada por diversas serrarias, 2 fábricas de móveis e esquadrias, 2 açougues, 1 fábrica de bebidas, 1 padaria, 1 moinho (além de diversos moinhos coloniais), 1 oficina mecânica, 1 olaria e 1 fábrica de calçados. Nos diversos ramos profissionais encontramos ainda terrarias, sapatarias e, finalmente, deve-se ressaltar a grandiosa iniciativa industrial que constitui a fábrica de óleos vegetais (soja, amendoim e linhaça) da firma Indústria e Comércio de Óleos Vegetais Treze Tílias S/A. Na parte comercial destacam-se estabelecimentos de comércio em geral, bares, hotéis, lojas diversas, existindo ainda os postos de compras de suínos dos frigoríficos «Pagnoncelli» e «Perdigão» com grande movimento de compras.

Na lavoura e na pecuária, Treze Tílias é conhecido como um dos maiores produtores de suínos do Estado, sendo com muita justiça famoso o seu rebanho de gado leiteiro composto das melhores raças. A grande produção de milho é totalmente consumida no Município, sendo exportados os excedentes das culturas do trigo, arroz, teijão, batatas e uvas.

A Cidade é servida por uma excelente rêde de água potável e o fornecimento de luz e fôrça é feito pela Empresa Francisco Lindner, de Luzerna. O transporte coletivo está a cargo de três linhas, que ligam o município às cidades de Joaçaba, Ibicaré, Videira, Rio das Antas e Caçador, possuindo a comuna mais de 200 veículos motorizados.

Importante situação está reservada à Treze Tílias, para o futuro, como estação de veraneio. Situada a uma altitude média de 800 metros, possui um clima privilegiado, sem os grandes extremos de temperatura, o que faz com que cada ano cresça o número de visitantes.



Quem trouxe as primeiras abelhas européias para Santa Catarina, foi o Dr. Blumenau, fundador desta cidade. Em 1851 o Dr. Blumenau foi ao Rio de Janeiro e ali adquiriu, num leilão algumas caixas de abelhas, tendo-as embarcado num navio de velas que as devia transportar para Santa Catarina. Aconteceu que o navio foi aprisionado pelos ingleses. O Dr. Blumenau perdeu tôda a mercadoria que havia despachado juntamente com as abelhas. Estas, entretanto, foram salvas e êle as trouxe para Blumenau, onde, em breve, reproduziam-se maravilhosamente a ponto de ter sido, em certa época, o nosso município um dos grandes produtores de mel no Brasil.

EDGAR BARRETO

Mal distribuido o número 8 desta publicação, em que lamentávamos a perda de um dos nossos bons colaboradores, «Blumenau em Cadernos» sofre novo golpe ocorrido a 29 de março dêste ano, com a morte de Edgar Barreto.

Embora a colaboração literária com que o extinto distinguuiu estas páginas, tenha sido escassa, ela foi das mais brilhantes e interessantes. E, além das magníficas manifestações da sua inteligência, Edgar Barreto deu a êste periódico o que, para nós, foi ainda mais precioso: todo o calor de uma solidariedade atuante que muito nos confortou e nos estimulou na difícil trajetória que vimos seguindo.



Mestre de vernáculo, os escritos de Edgar Barreto não eram só verdadeiras joias de estilo. Constituíam-se em verdadeiras lições de filologia e lingüística. Cultor igualmente dedicado das ciências jurídicas, foi dos mais renomados e eficientes advogados do nosso fôro.

Edgar Barreto nasceu em Pedras Grandes, município de Tubarão, neste Estado, tendo vindo para

Blumenau com 3 anos de idade, juntamente com seu pai, o advogado Manoel Barreto que, por vários lustros, foi promotor público desta Comarca tendo deixado tradição de homem probo, trabalhador e justo. Depois de ter feito o curso primário na «Escola Nova» desta cidade, Edgar Barreto empregou-se em uma casa comercial e, posteriormente, entrou para o serviço público, tendo sido promotor público da Comarca de Curitiba e catedrático de português da Escola Normal de Florianópolis. Matri-

culou-se, em seguida, na Faculdade de Direito de São Paulo, então sob a direção de Herculano de Freitas, onde obteve várias aprovações com distinção e bacharelou-se em 1923. Para ajudar a custear os seus estudos, trabalhou como tradutor de obras literárias do alemão para o português e lecionava êste idioma na Escola Alemã de São Paulo.

Em 1926 voltou para Blumenau, onde trabalhou como advogado até a sua morte, verificada em consequência de um colapso cardíaco a 29 de março dêste ano. Era consultor jurídico do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina e de várias outras entidades industriais e comerciais.

Além de artigos esparsos em jornais e revistas, Edgar Barreto deixou, impresso em folheto pela Imprensa Oficial do Estado, «Unidade Étnica», conferência feita no salão nobre da Legião Brasileira de Assistência, de Florianópolis, em 14 de novembro de 1944, a convite do então chefe do govêrno catarinense, Dr. Nereu Ramos.

Mais adiante publicamos a árvore genealógica de Edgar Barreto e, como homenagem à memória dêsse grande amigo e colaborador, transcreveremos, a seguir, como amostra da sua elegante maneira de escrever, alguns trechos da carta que Edgar Barreto escrevera, em março do ano passado, à sua filha, também apreciada intelectual, D. Aiga Barreto Müller-Hering.

Conversando com a filha, misturando carinho e erudição, pilheriando com coisas sérias, escrevia Edgar Barreto:

“ . . . Citei aí, no texto alemão, palavras de Stewart Houston Chamberlain, que, como os atuais «beat-nicks» ingleses, julgava a língua inglesa como que uma língua morta. Isto porque, após a invasão dos normandos, vindos da Normandia gaulesa, que destruíram a Heptarquia Anglo-saxônica («Ivanoe» de Walter Scott é uma reminiscência disso), a língua inglesa, que era visceralmente teutônica, foi profundamente influenciada pelo idioma francês e, posteriormente, sobrecarregada de termos latinos pelo famoso Dr. Samuel Johnson, no seu célebre «Diccionary of the English Language».

Em consequência, a língua inglesa deixou de se desenvolver de acôrdo com a sua própria índole («eignem Sprachgeist», como diz o alemão), seus étimos ou primitivos elementos lingüísticos. Verdade é que a sintaxe conservou-se a mesma mas quase só isso.

Ao contrário, a língua alemã evoluiu, até hoje, de acôrdo com as suas origens remotas, lexiológica e sintaticamente.

Por isso, quem estudou, até o grau escolar médio, o alemão, não precisa consultar muito o dicionário. Tôdas as palavras se compõem de elementos genuinamente alemães, geralmente conhecidos, de modo que, com facilidade, se lhes apanha o sentido. Naturalmente, a Alemanha, culta como é, não se enclausurou dentro das muralhas do seu idioma. Admitiu e incorporou ao seu patrimônio vocabular muitos dos chamados estrangeirismos (*Fremdwörter*), no linguajar comum (*Umgangssprache*) e na linguagem culta (aquilo que os Ramos chamavam «*sermo urbanus*» ou «*sermo perpolitus*») além de adotar, nas ciências e artes, a terminologia geralmente consagrada pela nações ocidentais, e isso paralelamente a termos germânicos, desde que adequados, êstes.

Segundo se vê, uma *lingua castiza*, muito disciplinada, na qual a gente se pode expressar com exatidão e sem receio de ambigüidades. Não direi que nas línguas neo-latinas, a gente não possa expressar, afinal, o seu pensamento com exatidão. O que acontece é que a falta de casticidade destas línguas, a falta de formação originalmente autônoma, leva a interpretações diversas, perturbadoras da exatidão, em questões, às vêzes, importantes devido ao vocabulário mixto. Carlos Maximiliano, grande jurista gaúcho, que já foi ministro da Justiça e do Supremo Tribunal e escreveu duas grandes obras sôbre Direito (3 volumes sôbre a «Constituição Brasileira» de 1946 e 2 volumes sôbre «Direito das Sucessões» asseverou que a elaboração de um Código de Direito, na Suíça, era um problema, visto que, havendo quatro Cantões e quatro línguas, a transladação do texto alemão, que era e sempre foi original, para os demais idiomas; francês, italiano e rético, tornava-se difícil, por causa de falta de palavras perfeita e univocamente equivalentes. Voltemos ao inglês.

Para concluir e convencer do que disse, basta uma comparação fácil: leia-se uma página de obra literária inglesa, um artigo de jornal ou revista anglo-americana, e outra de trabalho alemão. Leia-se, e quem conhece línguas, verá que, no inglês, em qualquer oração ou período, há três, quatro ou mais palavras não inglesas. E verá, mais, que, no alemão, numa página tôda, nenhuma ou quase nenhuma haverá, que se possa dizer peregrina.

Não obstante tudo isso, eu tenho um profundo amor e predileção inabalável pela minha língua portuguesa, que, além de possuir outras qualidades não contemptíveis, é ainda a língua mais eminentemente literária dentre tôdas as línguas novi-latinas, superando, no que toca à elegância e graça (*Anmut — Schoenheit der Bewegungen*, como diz Schiller no seu famoso

opúsculo «Schoenheit und Anmut») de muito o idioma alemão.

E note-se: quem afirmou essa eminência literária de nossa língua, foi o franco-suíço do Cantão de Vaud, Charles Adrien Grivet, que, radicando-se no Brasil, criou um colégio no Rio de Janeiro e escreveu uma notável «Gramática Analítica da Língua Portuguêsa» que me ensinou melhor esta nossa língua do que João Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, Said Ali, Maximilano Maciel e Júlio Ribeiro, cujas grâmaticas, em parte, estudei de cabo a rabo, em parte apenas perfunctôriamente, em busca de alguma novidade gramatical ou lingüística, que sempre se encontra. Eu era, então, uma espécie de gramaticômano”.

Como se vê, uma erudita peça literária.

Notas genealógicas de Edgar Barreto

Nasceu a 12 de abril de 1894, em Pedras Grandes, Tubarão e faleceu em Blumenau a 29 de março de 1967.

Casou-se em Blumenau com Cristiana Elisa Deeke, filha de José e Ema Deeke, em 3 de maio de 1930.

Filiação: Manoel Barreto (1869 — 1936) e Lyddy Danckwardt Barreto (1868 — 1931)

Neto paterno de: Antônio Joaquim Nunes Barreto e Ana Bernardina Soares Simas (Viveram em Laguna — SC.)

Neto materno de: Frederico Danckwardt (1842 — 1920) e Johanna Krohberger Danckwardt (1845 — 1935)

Bisneto paterno de: Joaquim Antônio Nunes (natural de Barretos, S. P. e falecido em Laguna) e Ana Rosa de Jesus.

Bernardino Antônio Soares Simas (natural de Portugal, rábula) e Brígida Maria da Conceição.

Bisneto materno de: Teodoro Danckwardt (1816) e Johanna Danckwardt (1806). Imigrados em Blumenau em 1857, mudando-se depois para o Paraguai.

Daniel Krohberger (1785 - 1849) e Frederica Schaller (1802 — 1856) Viveram em Beyreuth, Alemanha

Descendentes: Filha: Aiga Barreto, nascida em 1/3/1931 em Blumenau. Casada com Herbert Muller-Hering. Netos: Renato Barreto Muller-Hering (14/12/1964) e Roberto Barreto Muller-Hering (2/12/1966).



De fato já era mesmo uma exploração o que o «Colonie-Zeitung» denunciava em seu número de 16 de janeiro de 1869, em correspondência enviada de Blumenau. Esta dizia: Os vendeiros de Blumenau só nos querem nos vender a dinheiro de contado, mas não querem comprar-nos os gêneros que produzimos, pois no interior da Colônia eles os compram mais barato. Os vendeiros exploram-nos, pois, querem um lucro de 100%. Por exemplo vejamos o que acontece com a cachaça. Esta é comprada nos colonos da margem do rio a 16 a 20 vinténs a medida, ou sejam a 4 a 5 vinténs a garrafa. Cada garrafa lhes dá 12 cálices que eles vendem a 2 vinténs cada. Assim eles revendem cada medida por 96 vinténs. De fato, já era exploração. E hoje?

Recordando os bons tempos . . .



Grupo de Escoteiros, alunos da «Escola Nova» (Neue Deutsche Schule), de Blumenau que, em 1914, fizeram uma excursão a pé, desta cidade até Florianópolis. Em Florianópolis visitaram vários estabelecimentos de ensino e autoridades, inclusive o Governador do Estado. O trajeto foi feito em três dias e meio, sendo, no primeiro dia até Brusque, no segundo até Pôrto do Moura, em Tijucas; o terceiro até Biguaçu e, no quarto, pela manhã, chegada a Florianópolis. Os componentes dessa caravana dos primeiros escoteiros de Blumenau, eram chefiados pelo Professor Boettner, da mesma Escola. São, hoje, quase todos vovôs. Eram êles; Lourenço Bonnemassou, Henrique Sachtleben, Guilherme Jensen (o nosso magnata do leite), Heinz Schrader (Diretor da Cremer S/A), Schroeder, de Indaial, Victor Breithaupt, Herbert Boehm (que anda lá para as bandas de Maringá, sempre se lembrando de Blumenau), Ninias Cunha, Blaese, Victor Hering, já falecido, Waldemar Barreto, Willy Karsten (de Itajaí), Richard Paul (de Timbó), Hellmuth Hacklander (tambem já falecido), René Deeke, Elpidio Fragoso, Odebrecht, Harry Scheffler e Ottokar Gruber. A fotografia foi oferecida a «Blumenau em Cadernos» por Lourenço Bonnemassou, a quem agradecemos a lembrança.

ABORRECIMENTOS E

CONTRARIEDADES

O Presidente da Província, João José Coutinho não via com bons olhos a entrada de imigrantes alemães em Santa Catarina, especialmente quando protestantes.

Era dêsses homens que se deixam arrastar tãcilmente pelas suas preferências e simpatias.

Por isso, não gostava muito da obra que o Doutor Blumenau ia realizando no Vale do Itajaí e procurava criar-lhe dificuldades.

Ele deveria levantar-se do cantinho em que devem estar os restos dos seus ossos, e contemplar a realidade a que ele procurou pôr entaves quando em vida e no poder!

Apesar de tudo, Hermann Blumenau tratava-o com o respeito e o acatamento devidos ao seu alto pôsto, com a deferência que a sua esmerada educação exigia.

Ainda assim, o Presidente o tratava com asperzeza, faltando até, e várias vêzes, com os mais comezinhos princípios de civilidade, tradicionais nos brasileiros educados.

Blumenau sentia profundamente essa atitude do Presidente. Muitas vêzes, nas dificuldades momentâneas, nos instantes em que as contrariedades o punham aflito, desesperado, Blumenau recorreu a Coutinho, pedindo-lhe auxílio, conselho, instruções sôbre o melhor modo de superar os percalços.

O Presidente ou não o ouvia, ou excusava-se de lhe prestar qualquer apoio, material ou moral.

Isso doía no espirito bom e reto do velho colonizador.

E doía-lhe ainda mais porque, conhecida que era por tôda a Província e especialmente pela zona do Itajaí essa indisposição do Presidente para com o Doutor Blumenau e a sua colônia, as autoridades subalternas a que êstes estavam sujeitos, se julgavam no dever de negar ao colonizador todo favor, todo direito, tôda justiça.

Iam mesino mais adiante. Insuflavam o descontentamento contra o fundador nos menores incidentes entre êstes e os colonos.

Bastaria não ser amigo de Blumenau, ter com êle qualquer que-rela, para ter razão.

Infelizmente o mal não era só daquele tempo. Hoje ainda há disso e há de haver sempre, enquanto existirem os covardes, os subservientes, os adutores.

Essa má vontade do Presidente manifestava-se nos menores casos.

O arraial de Belchior, a quatro quilômetros da séde da Colônia Blumenau, rio abaixo, tôra, como se sabe, estabelecido em 1836, quatorze anos antes da chegada dos primeiros imigrantes a êste último empreendimento.

Com a fundação de Blumenau, o arraial teve o seu desenvolvimento quase que paralizado. Existia, ali, uma guarda composta de doze pedestres. Essa guarda se destinava á proteção do arraial contra a incursão dos bugres.

Mas, com a paralização quase total do progresso que a fundação

de Agostinho Alves Ramos tivera nos primeiros anos, a guarda vegetava, quase inútil, em Belchior.

Quando, em 1852, o acampamento da Barra do Velha foi atacado pelos botocudos, Blumenau pediu ao Presidente que transferisse a séde da guarda para a sua colônia, ficando sob seu immediato comando. O Presidente fêz ouvidos moucos.

Blumenau tornou a insistir uma, duas, mais vêzes.

Os índios continuavam infestando a região em que os seus colonos iam se estabelecendo.

Em principios de 1856, os bugres, numa nova incursão, mataram dois colonos, pais de família.

Blumenau, indignado, dirigiu se directamente á Repartição Geral das Terras Públicas, da Côrte, a que a sua Colônia estava subordinada dando conta do fato e da teimosia com que o Presidente, para feri-lo, insistia em não retirar a guarda de Belchior.

Vieram ordens expressas da Côrte e a guarda passou a ser sediada na Colônia Blumenau. Mas, pobre guarda!

Mal vestida e mal armada, era uma proteção bem precária contra o gentio sempre atento. As carabinas que possuia eram velhas e em tal estado de funcionamento que, numa ronda em que tôra mister utilizá-las, todas elas negaram fogo de uma só vez.

Blumenau dirigiu-se ao Governo Imperial pedindo um auxilio de 300 ou de 400 mil réis para comprar armas boas, de dois canos, facões, etc. para deixar a guarda em condições de fazer frente a qualquer eventualidade com probabilidades de successo.

Do Rio mandaram que o Presidente se pronunciasse.

Êste, porém, achou que as armas "que em cada cinco tiros negavam tres e quatro" ainda estavam muito boas para defender Blumenau e os seus colonos.

Blumenau apelou para a Côrte e de lá lhe mandaram o dinheiro pretendido com o qual comprou carabinas em condições.

E' possível que a má vontade de João José Coutinho para com a Colônia Blumenau e seu fundador tenha tido origem no fato de ter Blumenau feito com o Governo Imperial um contrato, cuja fiscalização ficava afeta à Repartição Geral das Terras Públicas, do Rio, na qual o Presidente não tinha interferência directa.

Nesse contrato, na sua parte final, a questão da legalização das terras que a Província concedêra a Blumenau para o seu plano de colonização, ficou para ser regularizada oportunamente, entre o colonizador e a presidência da Província.

Temendo já a má vontade do Presidente, Blumenau teve o cuidado, ainda no Rio, mal ultimára o contrato, de munir-se de cartas de recomendação de pessoas influentes, tanto do Governo, como de particulares.

Mas, nada adiantou.

O Presidente recebeu o Doutor Blumenau com grande frieza e em presença do Doutor Andrade Pinto, depois Juiz de Direito da capital, dirigiu palavras duras, ásperas ao colonizador, negando-se a fazer, negando-se a fazer, fôsse lá o que fôsse, para legalizar a situação das terras concedidas a Blumenau.

No entanto, tudo estava em suas mãos. Com um pouco de boa vontade, tudo se resolveria.

“Não se tratava — escreveu depois o Doutor Blumenau — de tornar boa uma cousa ruim ou equívoca, mas sim de elucidar e arredar algumas dúvidas que ainda existiam e que, com alguma boa vontade, o negócio podia ser acabado com S. Excia. em poucos dias e sem grandes e dispendiosas formalidades. Pela recusa de S. Excia. o negócio ficou pendente até hoje” (maio de 1857), e ainda o está a grande incômodo meu e detrimento da Colônia e terei, talvez, que recorrer à Assembléia Provincial, levando assim imensa demora e ficando ainda incerto o resultado final por haver nela bastante número de membros que também não gostam dos heresegs alemães.”

Eram diticultdades desse jaêz que deixavam Blumenau desesperado. Tinha dado tudo quanto passuía, dinheiro e saúde para concretizar o maior sonho de sua vida e eis que aquêles mesmos que tinham obrigação de ajudá-lo pontilhavam-lhe de pedras o caminho . . .



O primeiro automóvel apareceu nas ruas de Blumenau a 24 de setembro de 1903. Era propriedade do sr. Guilherme Frederico Guilgerme Busch, que o adquirira na América do Norte. A respeito, o «Der Urwaldsbote» (nr. 13 de 1903) publicou a seguinte nota: “Os modernos meios de comunicação já estão penetrando o sertão. Na semana passada pudemos ver pela primeira vez nas ruas de Blumenau um veículo auto-motor, acontecimento que êste jornal não poderia deixar de registrar. O proprietário dêsse mais moderno meio de transporte é o sr. Frederico Busch, que o adquiriu na América do N. A nossa civilização está progredindo. Ainda a bem pouco tempo o velocípede era aqui uma curiosidade e agora já temos inúmeros dêles. Até já nos acostumamos a ver senhoras montadas em velocípedes. Do velocípede passamos agora para o automóvel. Infelizmente ainda nos falta o mais necessário: a estrada de ferro. Quando será que ouviremos o seu apito?



O primeiro barco a vapor a fazer o trajeto regular entre Blumenau e Itajaí, deve ter sido o pequeno navio adquirido do Sr. Bruestlein, de Joinville, em agosto de 1871. Veio sem as máquinas que aqui foram repostas e o barco inaugurou as suas viagens regulares como rebocador de lanchas de carga. Levava 5 horas rio abaixo, de Blumenau a Itajaí e 10 horas desta cidade a Blumenau. Pertencia ao Sr. Eduardo Schadrack.



O primeiro agente do Correio de Blumenau foi o sr. Reinoldo Freygang que assumiu o exercício dêsse cargo em 16 de fevereiro de 1875. A Agência do Correio fôra criada em novembro do ano anterior. Poucos meses depois da posse, Freygang faleceu, tendo sido substituído no cargo pelo Dr. Eberard.

TRIBULAÇÕES DE COLONOS

Convém que se diga alguma coisa, também, da verdadeira epopéia que os Colonos de São Pedro de Alcântara viveram antes de se estabelecerem nas terras que lhes foram destinadas pelo govêrno da Província. Aliás não foi só uma epopéia. Foi uma verdadeira tragédia. Vamos nos socorrer do que deixou escrito uma testemunha de vista. Carlos Seidl era um oficial do exército de alemães mercenários que haviam sido contratados pelo imperador Pedro I para servirem nas guerras do Sul, contra os uruguaiois e contra Rosas. Esse oficial escreveu as suas memórias num grosso volume que foi traduzido para o nosso idioma. Apesar dêsse livro ser muito parcial e ter sido escrito por um homem que fôra decepcionado nas suas esperanças de enriquecimento fácil, há nêle muita coisa que não se deve desprezar. O que êle diz sôbre São Pedro de Alcântara, por exemplo, é verdadeiro embora, talvez, em alguns pontos um pouco exagerado.

Seidl conta que os colonos que, naquela ocasião chegaram a Desterro eram em número de uns 800 e vinham todos «bem vestidos e asseados e nada havia a dizer sôbre a sua conduta». «Sem dúvida o govêrno deveria ter manifestado o máximo interêsse em levar quanto antes êsses homens ao seu destino, pois o lugar escolhido ficava apenas 7 léguas da cidade do Desterro.» «Mas ali lhes disseram que as colônias não estavam demarcadas» e que deveriam permanecer na cidade até que o agrimensor completasse o serviço. Meteram por isso, os colonos num casarão, aglomerados, como dantes a bordo, «sem qualquer distinção ou consideração». Ali êles ficaram durante seis meses, «a consumir não só o pequeno subsídio que o estado muito irregularmente lhes pagava, como ainda parte da sua modesta fortuna. Já êsse procedimento desanimou a muitos e induziu a grande número ao excessivo uso da cachaça, com o que pensavam esquecer os seus pesares e penares». «Acabado o dinheiro, começaram a vender as roupas e não tardou que a moior parte dêsse infelizes andassem andrajosos, mostrando pústulas e buracos nas pernas e braços, sarnentos, a perambular como espectros e a mendigar pelas ruas da cidade.» «Antes de decorridos os seis meses que aquêles colonos deviam passar inativos na cidade de Desterro, a pobreza crescera tanto que muitos pais incapazes de sustentar os filhos, os ofereciam públicamente e sentiam-se felizes se achavam alguém que quizesse ficar com uma menina forte ou

um rapaz experto só pela comida. «Depois de seis meses passados na maior penúria e miséria, foi, finalmente, indicado a cada um dos colonos um pedaço de terra para cultivar em Santa Catarina; mas agora a maioria dêles não só estava sem dinheiro para adquirir os víveres necessários durante o pesado trabalho, mas ainda muitos já haviam vendido, torçados pela necessidade, os seus instrumentos de lavoura e outros.»

Assim é que muitos dos mais pobres foram os primeiros a meter mãos à obra, pois se não quizessem morrer de fome, tinham que trabalhar o duplo e o triplo do que um escravo negro do relho. E para se livrarem um pouco do ardência solar, despiam-se no trabalho, apesar de desabitutados do clima e das suas consequências funestas, dos mosquitos e outros bichos que lhes cobriam formalmente o corpo. Exgotados do trabalho do dia, voltavam para as suas pobres cabanas, onde os esperava um prato de feijão preto, cozido apenas na água, às vêzes sem gordura». «Nem lhes deram os animais prometidos, nem as sementes iniciais e para morada tiveram que eles mesmos construir e pagar os seus ranchos. A repartição dos lotes foi arbitrária, sem consideração pelos números de pessoas de cada família; a um deram terreno pedregosos, a outro arenoso ou de mata virgem. Um outro grande mal resultou do fato de não haver ainda inspetor designado pelo govêrno, razão porque ninguém sabia ao certo a quem cabia resolver as diferenças que surgissem entre os colonos». Passa, então, Carl Seidl a contar coisas interessantes sôbre a nomeação do primeiro e do segundo diretores da Colônia São Pedro de Alcântara. Não vamos citar o que êle diz dêesses homens porque da própria narração transparece a antipatia que o autor votava a àqueles homens, principalmente ao primeiro, com quem servira e ao qual êle faz as piores referencias possíveis.

Mas, o que Seidl diz das necessidades e misérias passadas pelos colonos alemães, no intervalo entre a sua chegada à Ilha de Santa Catarina e a sua ida para a Colônia de São Pedro, para tomarem posse dos lotes de terra que lhes havia sido consignado, é, infelizmente, verdadeiro.

Possuimos vasta documentação, especialmente officios trocados entre o presidente da Província de Santa Catarina e o Inspetor Geral da Colonização, Monsenhor Miranda, que não apenas confirmam o que Seidl escreve, mas até vão mais além.

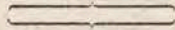
Realmente, não só os colonos que foram acomodados no Quartel de Destêrro tiveram que comer o pão que o diabo amassou. Uma parte dêles foi instalada na armação de Lagoinha,

ao leste da Ilha. Viveram ali, durante meses, em promiscuidade, ocupando os barracões que haviam servido de sensala aos escravos ocupados na pesca da baleia, passando necessidades de toda sorte. Ainda bem que a abundância de peixe não os deixa passar fome. Mas, longe da capital, sem recursos outros que não os da própria iniciativa, tiveram que enfrentar as piores situações.

Pois bem: foram muitos desses colonos que vieram para as margens do Itajaí, alguns anos depois e que, pela sua atividade, pela sua persistência, pelo seu trabalho matante e diuturno, conseguiram tornar-se independentes, abastados muitos deles e todos extraordinariamente úteis ao engrandecimento da província e do país.

Se, em grande parte não foram maiores e mais penosas as dificuldades que tiveram que enfrentar os primeiros fundadores de Blumenau, em grande parte se deve isso aos colonos de São Pedro de Alcântara.

Eles ajudaram os companheiros de Blumenau a tornar mais suave e fácil o caminho que deveria seguir até que tivessem conseguido firmar os alicerces em que se fundariam a riqueza da nossa terra e o bem estar da nossa gente.



DADOS BIOGRÁFICOS DO MINISTRO LUIZ GALLOTTI

Presidente do Superior Tribunal Federal

Naceu em Tijucas (Santa Catarina) a 15 de agosto de 1894. Nessa cidade fez os seus estudos primários, e os secundários em Florianópolis, no Colégio dos Padres Jesuitas. Formado em 1926 pela Faculdade de Direito, teve distinção em todas as cadeiras do curso e foi orador de sua turma. Em 1927 foi nomeado Inspetor de Bancos no Distrito Federal e, no mesmo ano, eleito deputado à Assembléia Constituinte de Santa Catarina, que depois se converteu em Assembléia ordinária. Em 1929, era nomeado Procurador da República no Distrito Federal, tendo, em fevereiro de 1930, representado o Governo Federal no inquérito que se processou em Montes Claros (Estado de Minas Gerais) para apurar o atentado ali sofrido pelo então Vice-Presidente da República, Dr. Fernando de Melo Viana.

Criada pela Constituição de 1934 a Comissão Revisora

dos Atos do Govêrno Provisório, para ela foi nomeado, e fêz parte de outras comissões importantes, notadamente a Demarcadora Mista e a Junta de Revisão e Sorteio Militar.

Representou durante muitos anos o Estado de Santa Catarina no Conselho Federal da Ordem dos Advogados.

É membro titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, do Instituto dos Advogados Brasileiros do qual foi Secretário Geral e Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, de que foi vice-presidente, assim como do Conselho Nacional dos Desportos e da Confederação Brasileira dos Desportos.

Em 1945, foi nomeado Interventor Federal no Estado de Santa Catarina, onde presidiu as eleições de 2 de dezembro.

Em 1947, quando constituído o Tribunal Federal de Recursos foi nomeado Sub-Procurador Geral da República. Após aprovação do Senado Federal, foi nomeado, ainda em 1947, Procurador Geral da República.

Logo depois, foi enviado pelo Presidente da República ao Estado de Alagoas, onde deu solução ao conflito surgido entre os Poderes Executivo e Judiciário daquele Estado. Empossou-se no cargo de Ministro do Supremo Tribunal em 22 de setembro de 1949, para o qual foi nomeado pelo Presidente Eurico Dutra, após aprovação unânime do Senado. Foi membro e Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, tendo presidido as eleições presidenciais de 3 de outubro de 1955. Em dezembro de 1962, foi eleito vice-presidente do Supremo Tribunal Federal. Publicou 2 volumes de «Pareceres do Procurador Geral da República» e muitos trabalhos avulsos, além de artigos em Revistas Jurídicas. Possui entre outras condecorações, as seguintes: Grã Cruz da Ordem Nacional do Mérito, Grande Oficial do Mérito Militar, Grande Oficial do Mérito Naval, Grande Oficial do Mérito Aeronáutico, Grande Oficial do Mérito da República Italiana, Grande Oficial da Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro, Comendador da Ordem da Corôa da Bélgica.



O primeiro clube de futebol de Blumenau foi o «Blumenauense Futebol Clube» que se formou na Sociedade de Ginástica (Turnverein Blumenau). Temou o nome de «Sociedade Desportiva Blumenauense, constituída em 1919 (14 de agosto) e legalizada com o registro de seus estatutos em 19 de outubro de 1938.

Emprêsa Industrial Garcia S/A

B L U M E N A U — Santa Catarina

ESCRITÓRIO E FÁBRICA: RUA AMAZONAS, 4906

GARCIA

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» — Caixa Postal N°. 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS - CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS



PEÇAS GENUÍNAS

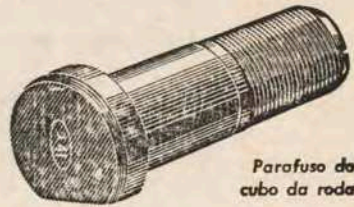


Pino da
Manga do Eixo

COM A GARANTIA DA **MERCEDES-BENZ**

Para seu caminhão, exija sempre peças que tenham fundida a estrêla de 3 pontas. A Mercedes-Benz do Brasil se responsabiliza inteiramente pela qualidade dessas peças!

Tôda peça com a marca fundida e numerada em código já passou por nossos laboratórios e é aprovada. Sem isto, é peça fraca, não serve. Para sua garantia, só compre peças com a marca Mercedes-Benz!



Parafuso do
cubo da roda

Procure peças **MERCEDES-BENZ** legítimas.
Concessionário Autorizado

Companhia Comercial **SCHRADER**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 117

CAIXA POSTAL, 4 — End. Telegráfico: «CIASCHRADER»

BLUMENAU — Santa Catarina

cin 137-14